

O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO DE MODA NO BRASIL: A IDEOLOGIA EDUCACIONAL DO ESTADO NOVO E SEUS REFLEXOS NA PRODUÇÃO VESTIMENTAR

Lara Brito Leite (1), Maria Alice Vasconcelos Rocha (2).

Universidade Federal Rural de Pernambuco; E-mail: laramirra@outlook.com

Resumo: A moda vestimentar é um fato social presente nas mais distintas sociedades, desde seu surgimento nas cortes de Borgonha ou da Itália entre os séculos XIV e XV até os dias atuais. O Brasil desde os tempos de sua colonização consome roupas e têxteis, entretanto, no que tange à educação superior de moda, apenas em 1989 foi criado o primeiro curso de Desenho de Moda, na Faculdade Santa Marcelina, em São Paulo. Antes disso, aqueles que desejassem se profissionalizar nessa área dependiam exclusivamente de cursos técnicos presenciais ou por correspondência. O governo Vargas (1930-1945) aparece com destaque no que tange à criação de cursos técnicos no país, sendo um importante vetor na área da educação. No entanto, considerando o ensino de moda como multidisciplinar e por muito tempo autodidata, é pertinente apreciar que seu aprendizado também se faz por meio de fontes alternativas de informação, como por exemplo: as revistas, a tevê e a mídia. Nos anos do governo varguista a revista nacional mais popular era a “O Cruzeiro” e muito da estética vestimentar do país ficou registrada em suas páginas. Com isso, busca-se aqui, através de uma análise iconográfica, avaliar as edições de moda desta revista nos anos de 1937 e 1947 com o intuito de apreender a estética vestimentar daquele período, assim como relaciona-la ao ideal feminino promovido pelo governo de Getúlio Vargas que, indiretamente, contribuiu para criação de cursos técnicos de costura em todo o país.

Palavras-chaves: educação, moda, Estado Novo, comportamento, estética.

INTRODUÇÃO

As roupas existem desde a pré-história quando os homens usavam as peles de animais para se aquecer, entretanto, nesse período elas não cumpriam uma função social, eram apenas utensílios no auxílio contra o frio rigoroso do norte do planeta. De acordo com Lobo, Limeira e Marques (2014) a moda vestimentar surgiu no Início do Renascimento em meados do século XV. Segundo estes autores, nesse momento a roupa adquiriu importância social e cumpriu a importante missão de diferenciar nobres de burgueses, fazendo surgir a moda com caráter de tendência.

Na contemporaneidade, o sociólogo Frédéric Godart (2010) define a moda como ambígua, pois, esse termo pode estar associado à indústria do vestuário e do luxo, em que muitos

profissionais e empresas desenvolvem suas carreiras. Também, a moda pode ser entendida como transformação social não cumulativa que atinge diversos setores da vida social.

Mesmo com o intenso consumo de roupas desde a época do Brasil Colônia, não houve por muito tempo no país uma produção nacional. Segundo João Braga (2013), uma estética vestimentar propriamente brasileira veio surgir apenas em meados de 1960, quando no Festival da Moda Brasileira os talentos de Dener Pamplona de Abreu, e mais tarde de Clodovil Hernandez foram descobertos. Sabe-se que antes desse incentivo ao surgimento de uma moda nacional as roupas por muitos anos foram produzidas em casa ou por costureiras particulares, e que no início a prática da costura era autodidata e familiar.

O ensino da costura foi por muito tempo promovido dentro do âmbito doméstico por mães, filhas e avós. Em Braga e Prado (2011) é afirmado que antes da Segunda Grande Guerra toda família de classe média tinha em casa uma máquina de costura. E que eram os croquis das revistas que forneciam as tendências vestimentares na época. Em Rocha, Barrocas e Marinho (2018) é tratada a importância das publicações impressas como vetores de moda nos anos de 1940: eram nas revistas que estavam os moldes das roupas, e através deles mães costuravam para os seus filhos.

Assim, o foco deste estudo é compreender o contexto em que surgiram os cursos de moda no país durante o Estado Novo, pois nesse período importantes escolas técnicas foram implantadas, como por exemplo, o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e o SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). Além disso, pretende-se compreender a ideologia educacional promovida nesse período da história que através da Lei Orgânica do Ensino Secundário acabou por determinar a costura como uma atividade feminina, o que fez com que, durante muito tempo, a educação em moda e costura fosse acessível apenas para mulheres. Em Santos *et al.* (2012) pode-se verificar que as turmas do curso de Economia Doméstica eram em sua totalidade compostas por mulheres. No curso, um dos ensinamentos essenciais é a temática do vestuário.

Esse artigo se mostra relevante no que tange a (re)construção dos fatos sociais, políticos e históricos que, amparados na ideologia do governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo formalizaram o estudo de moda no Brasil. Também, pode-se ter acesso à estética vestimentar da época, tendo em vista a análise iconográfica das colunas de moda da revista O Cruzeiro, que apontam o papel social feminino daquele período, além de comprovar a participação das revistas na educação em moda. Faz-se importante destacar que este artigo traz informações contidas no projeto de pesquisa da Universidade Federal Rural de Pernambuco, intitulado de

PANORAMA DA CADEIA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES EM PERNAMBUCO: inovação, produção, estética e consumo.

1.1 O contexto social e político durante o Estado Novo

O Estado Novo corresponde ao período da história do Brasil entre os anos de 1937 e 1945 que, com a ajuda da força militar, o político Getúlio Dornelles Vargas impôs ao país seu projeto de desenvolvimento nacional. Para Saviani Filho (2013) a Era Vargas¹ (assim também o Estado Novo) constitui-se num conjunto de políticas públicas para o Brasil, com o objetivo de alcançar alguma autonomia política e econômica através de um desenvolvimento nacional independente pautado num Estado forte e centralizado. Sendo de suma importância no processo de transição da República Velha para o moderno Estado Brasileiro.

As eleições presidenciais de 1938 fomentavam inseguranças à classe média do país, que em sua maioria apresentava-se contra as ideias comunistas, e juntamente com a categoria militar se sentiam ameaçados pelo plano Cohen. Juntas, ambas as classes apoiam o golpe de estado de 1937, colocando Getúlio no poder. Lira Neto apresenta a dimensão política do ocorrido em outras partes do mundo, “na Alemanha, a imprensa nazista saudou Getúlio e dedicou generosos espaços ao assunto, traçando perfis simpáticos do presidente brasileiro, ilustrados com fotografias fornecidas pelo serviço diplomático” (2013, p.248).

O início do Estado Novo marca o começo do projeto de desenvolvimento nacional calcado na indústria. Além disso, o governo iria perseguir a garantia da unidade nacional e acabar com a dicotomia entre o Brasil político e o econômico, que não coincidiam (SAVIANI FILHO, 2013). Dentre tantas mudanças propostas por Getúlio, estava inclusa a censura aos meios de comunicação em massa, por isso, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), além da nova constituição, que dentre outras coisas, abolia os partidos e as organizações civis. Para Rodrigues Aurélio faz-se importante remontar parte do discurso que justificou a criação da Constituição de 1937, antecipando o ideário político do ditador: “Diante do “estado de risco iminente da soberania nacional”, provocado pelas agitações “subversivas” e a “ameaça comunista”, Getúlio assume a frente da nação, pois o homem de Estado, quando as circunstâncias impõem [...] não pode fugir ao dever” (2009, p.10).

E assim inicia um dos períodos autoritários da história do Brasil, entretanto, deve-se ter em mente que esse mesmo momento foi marcado por um alto índice de populismo, integração dos sindicatos ao Estado e a consolidação das leis de trabalho. De fato, o governo de Getúlio

¹ A Era Vargas corresponde ao período de 1930 até 1945.

foi pautado no dualismo, Saviani Filho (2013, p.4) bem o define como “Vargas governou como ditador e democrata; foi reformador social e enquadrou sindicatos; censurou a Imprensa e patrocinou o cinema, o teatro, as artes plásticas e a literatura; perseguiu comunistas e fundou a Petrobrás”. O nacionalismo foi marcante durante o Estado Novo, as crianças iam para as ruas balançando bandeiras do Brasil, além disso, aconteciam desfiles, manifestações, e nas rádios seus discursos ganhavam propagação:

“[...] com vistas a enaltecer suas qualidades pessoais e garantir a disseminação social de uma imagem favorável do ditador através de dispositivos simbólicos de manipulação e coação, contribuía para que o povo reconhecesse o presidente como um porta-voz autorizado para falar e agir em nome deste povo.” (CAMARGO *apud* SANTOS *et al.*, 2012, p.350).

O apoio ao desenvolvimento industrial é um marco importante da ditadura varguista, e sabe-se que a criação da Petrobrás é fruto disso. No que diz respeito ao setor têxtil do país, alguns dados são interessantes: as autoras Rocha, Barrocas e Marinho (2018) afirmam que até a Segunda Guerra Mundial o Brasil era o 2º maior produtor têxtil do mundo, assim como pela primeira vez na história são adquiridos direitos aos trabalhadores do setor, deixando os empresários assustados. Na época, o estado de Pernambuco concentrava um alto número de empresas têxteis que, com o passar do tempo e com as novas exigências trabalhistas acabaram fechando e mudando para lugares onde não se vigiava com rigor tais direitos.

Segundo Braga e Prado (2011) a partir dos anos de 1930 grandes indústrias internacionais fixavam filiais no Brasil, dentre elas pode-se destacar a Cia. Química Rhodia Brasileira que era subsidiária do grupo francês SCUR (*Société Chimique des Usines de Rhône*). A fabricação de tecidos em *rayon* e de roupas íntimas em jérsei indismalhável foram produtos auges dessa indústria antes dos anos de 1940.

1.2 A ideologia educacional durante o Estado Novo e a criação de escolas técnicas

O feito educacional mais marcante do Estado Novo foi a criação em 09 de Abril de 1942 da Lei Orgânica do Ensino Secundário, também conhecida como Reforma Capanema. A Lei acabou por oficializar a ideologia machista do então governo, atribuindo às mulheres serviços que contemplavam apenas espaços domésticos ou hospitalares, envolvendo como ponto central o cuidar. Acabando por reproduzir e legitimar a divisão hierarquizante dos papéis sociais do homem e da mulher, pois:

“Os artigos destinados à educação feminina pontuavam as virtudes próprias da mulher, consagrando sua missão de esposa e de mãe e, sobretudo, seu papel de colaboradora do outro sexo na construção da Pátria. Em oposição, a educação masculina considerava atributos como a coragem, a força de vontade, a compreensão

do dever - qualidades dos grandes homens da Nação, heróis da vida civil e militar.” (SANTOS *et al.*, 2012, p.350).

As palavras “ordem”, “tradição” e “patriotismo” são os pilares que regeram a reforma conservadora de 1942, e foram fortemente associadas ao ensino religioso, pautado unicamente na tradição Católica, deixando para trás o fato do Estado ser laico. Assim, o discurso propagado pelo governo acabava por negar a neutralidade da educação e promovia um ensino partidário, reprodutor da ideologia vigente. Em Pernambuco, à frente do Departamento de Educação estava Nilo Pereira, que era um dos líderes do laicato católico e porta-voz de uma ideologia autoritária e nacionalista (ALMEIDA, 1998).

As associações de mulheres católicas logo tomaram a frente do ensino para as meninas, especialmente na educação em Economia Doméstica, “nesse sentido, logo após a promulgação da Lei, tem-se como manifestação emblemática a organização de um curso de emergência pela Liga de Senhoras Católica de São Paulo, para a preparação de professoras de Economia Doméstica, sob os auspícios do Ministério da Educação e Saúde.” (SANTOS *et al.*, 2012, p.350). Durante o curso eram ministradas aulas sobre a higiene do corpo, sobre a escola, o vestuário e o lar; e de acordo com a Lei de 1942 as turmas deveriam ser exclusivamente femininas assim como as aulas de Sociologia que discutiam temáticas em torno da família, do Estado e da religião.

Em meio a tantas mudanças, Rocha, Barrocas e Marinho (2018) apontam a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) no dia 22 de Janeiro de 1942, pelo Decreto-Lei 4.048 do então presidente Getúlio Vargas. Esse era "destinado a organizar e administrar escolas de aprendizagem industrial em todo o país, podendo também manter cursos de aprendizagem, que eram mais rápidos [...] e tinham por objetivo a preparação dos aprendizes menores dos estabelecimentos industriais" (ROMANELLI, 1987, p.166). Nesses cursos eram oferecidas formação técnica e prática no geral, sendo prioridade para filhos, irmãos e órfãos dos empregados. De acordo com Braga e Prado (2011) as medidas adotadas por Vargas ajudaram a retirar o país das mãos da elite agrária e coloca-lo na rota da produção fabril, que era fortemente centrada no setor têxtil, sintonizando o Brasil com a era industrial.

No Brasil os cursos de corte e costura eram básicos, contemplavam o nível técnico, mas de modo geral a profissão de criador de moda era aprendida de maneira autodidata, entretanto, aqueles que desejassem uma formação mais qualificada iam busca-la no exterior. Em Paris, por exemplo, desde 1841 havia a escola fundada por Alexis Lavigne, atualmente denominada de ESMOD, muito frequentada por estrangeiros (BRAGA; PRADO, 2011).

Por outro lado, o SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) foi criado em 10 de Janeiro de 1946, pois a formação profissional tornou-se importante mediante os efeitos provocados pela II Guerra, e eram necessárias pessoas qualificadas para enfrentar o contexto configurado (ROCHA; BARROCAS E MARINHO, 2018). A estrutura do SENAC era similar a do SENAI, diferindo deste pelo fato de focar o setor comercial e por ser dirigido e organizado pela Confederação Nacional do Comércio. Embora tendo sido sancionado por outro governo, o projeto do SENAC fora criado no governo anterior, durante o Estado Novo (ROMANELLI, 1987). Ambas as criações educacionais Varguistas contribuíram para formação de novos profissionais e colocaram aprendizes no mercado de trabalho. Ainda na atualidade, essas instituições permanecem como referência no ensino técnico do país e também superior, com a criação da Faculdade do SENAC em 1989.

1.3 O ideal feminino Varguista do Estado Novo propagado pela mídia

Sabe-se, de acordo com as inferências anteriores, que o governo de Getúlio Vargas foi amparado pela propaganda midiática, assim como fez forte censura aos veículos que não compartilhavam da ideologia governamental. A revista que se destacava nesta época, O Cruzeiro, foi fundada por Assis de Chateaubriand no ano de 1928 e era de alcance nacional e, segundo Braga e Prado (2011) ela influenciava decisivamente no comportamento feminino. Para Accioly Netto (1998) O Cruzeiro foi a principal revista ilustrada do início do século XX no país. Suas páginas tratavam de temáticas variadas como culinária, vida social, beleza, cinema, moda, charges e esportes. As imagens na pesquisa iconográfica estão disponíveis na Hemeroteca Digital², e as utilizadas neste artigo fazem parte do acervo da pesquisa³ de Iniciação Científica vinculada ao projeto mencionado anteriormente e promovida pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. As imagens não procuram retratar diretamente o sistema educacional da época, mas a educação vestimentar veiculada por um grande veículo de comunicação.

Dentre os exemplares pesquisados, foram selecionadas figuras dos anos 1937 e 1947, tendo em vista que o estudo contemplava décadas terminadas com número sete até 2017. Esses anos são importantes, pois representam o início e o fim da ideologia presente no Estado Novo que acaba em 1945. Também, é importante ressaltar que muitos dos croquis na seção são inspirados na moda internacional, essa foi espelho para o Brasil desde sua formação e até

² bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

³ PANORAMA DA CADEIA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES EM PERNAMBUCO: inovação, produção, estética e consumo.

hoje participa da estética nacional. João Braga (2013) afirma que Paris sempre foi a inspiração brasileira, sendo a legitimação do melhor da moda mundial. É interessante mencionar que a Europa também se encontrava mergulhada em governos autoritários e a estética vestimentar vigente acabou por ser absorvida na ditadura do Estado Novo.

Figura 1: Imagem da revista O Cruzeiro do ano de 1937.



Fonte: acervo da Hemeroteca Digital.

Na Figura 1 acima podemos perceber tendências estéticas que remetem ao discurso moralista dos anos de 1937, como se vê as saias apresentam comprimento abaixo dos joelhos, os decotes são quase inexistentes, e quando oportunos são cobertos por peças como bolero ou jaquetas. As cinturas marcadas realçam a curva feminina sem vulgaridade, e as estampas contemplam as temáticas florais e de poás sempre associadas à feminilidade. Esse padrão estético corresponde ao discurso da “mulher moral, mãe dedicada e doce” na medida em que o corpo e a sensualidade são inexplorados.

Figura 2: Imagem da revista O Cruzeiro do ano de 1937.



Fonte: acervo da Hemeroteca Digital.

Na Figura 2 nota-se o mesmo padrão para o comprimento das saias e as estampas, as mangas aparecem menores, entretanto, a estética da manga bufante colabora na construção da imagem feminina associada à fragilidade, por meio dos laços, das miudezas dos adornos e das luvas.

Figura 3: Imagem da revista O Cruzeiro do ano de 1937.



Fonte: acervo da Hemeroteca Digital.

Acima na Figura 3 os padrões estéticos se repetem, com especial atenção ao uso do *tweed*, tecido com padronagem xadrez que ficará bastante popular após a II Guerra. O uso de pequenos e delicados chapéus adornados com lacinhos, luvas, salto alto e carteiras de mão ou

bolsinhas são sem dúvidas símbolos estéticos vestimentares que condizem com a elegância, moralidade e feminilidade pregada no final dos anos trinta.

Figura 4: Imagem da revista O Cruzeiro do ano de 1947.



Fonte: acervo da Hemeroteca Digital.

Acima (Figura 4) o estereótipo de dona de casa é reforçado com a sugestão de modelos de aventais para serviços do lar. A publicação é do ano de 1947, após a Segunda Grande Guerra, e nela é indicado o uso de roupas mais apropriadas ao serviço doméstico já que naquele momento não se encontrava com facilidades empregadas para o lar. A estética romântica dos aventais se mistura com os pratos e taças nas mãos das mulheres.

Figura 5: Imagem da revista O Cruzeiro do ano de 1947.



Fonte: acervo da Hemeroteca Digital.

Na Figura 5 vê-se uma ruptura radical na estética vestimentar, isso ocorre por conta dos conflitos armados que terminaram em 1945. Durante a guerra, muitos tecidos ficaram escassos, as estampas florais, coloridas, perderam espaço para os tons sóbrios, as mangas bufantes deram lugar aos ombros triangulares, pois, a mulher assumiu uma nova imagem durante a Guerra, os postos ocupados pelos homens ficaram vazios e coube a elas ocuparem esse espaço, assim suas roupas refletiam o seu tempo, necessidades e ideologias dominantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O golpe liderado por Getúlio Vargas e apoiado pelos militares e a classe média durante o ano de 1937 marcou profundamente a história do Brasil, não somente pelos aspectos políticos e sociais, mas também econômicos, educacionais e até mesmo vestimentares. A moda como descreve Lobo, Limeira e Marques (2014) é um fenômeno sociocultural que expressa hábitos e costumes de uma sociedade, podendo ser considerado um fenômeno em mutação, sendo uma parte tão presente na vida social que através de seus padrões estéticos pode-se contar fatos históricos de cada época.

Aqui procurou-se discorrer sobre o início da criação de escolas de moda, contemplando a parte técnica, já que o ensino superior na área é recente no país, datando 1989. O ensino técnico não pode ser citado se não for levado em consideração o contexto que permitiu sua criação, aqui discutimos a ideologia Varguista que permitiu a criação do SENAI e do SENAC, e assim pôde-se entender como esses serviços dialogavam com a prática têxtil no país. O imaginário social e as condições educacionais para mulheres foram expressos através da elucidação da Reforma Capanema, assim como visualizou-se os estereótipos criados por meio das figuras femininas nas edições da revista O Cruzeiro.

Por fim, pôde-se concluir que o ensino de moda ficou restrito em seu início apenas para mulheres, pois a ideologia nacional vigente atribuía esse papel às mesmas, assim como os cursos de Corte e Costura e de Economia Doméstica por lei eram acessíveis somente a turmas femininas. As revistas ajudavam a disseminar as tendências que muitas vezes eram costuradas em casa, pelas mães ou avós.

A moda era uma expressão empírica do papel social da mulher e contemplava uma estética harmoniosa, romântica, floral e com muitos adornos pequeninos. Depois da II Guerra nota-se uma diferenciação no ideal feminino, principalmente por meio das roupas, agora estas divulgam para o mundo uma estética mais sóbria, tecidos pesados, pouca feminilidade já que as atividades do espaço público passaram a ser ocupadas pelo sexo feminino, enquanto os homens lutavam em batalha.

Espera-se com esse trabalho estimular reflexões sobre a condição de gênero nesse período, assim como contribuir para futuras pesquisas em moda, comportamento social, educação de moda, estética e Estado Novo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria das Graças. **Estado Novo: Projeto Político Pedagógico e a Construção do Saber**. Revista brasileira de História, São Paulo, v.18, n.36,1989.
- AURÉLIO, Daniel Rodrigues. **Dossiê Getúlio Vargas: a vida e a trajetória do presidente mais importante da história do Brasil**. Universo dos livros: São Paulo, 2009.
- BRAGA, João. **Um século de moda**. São Paulo: D'livros editora, 2013.
- FILHO, Hermógenes Saviani. **A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade**. Revista Economia e Sociedade, Campinas, v. 22, n. 3 (49), p. 855-860, dez. 2013.
- GODART, Frédéric. **Sociologia da moda**. São Paulo: Senac, 2010.
- LIMEIRA, Erika; LOBO, Renato; MARQUES, Rosiane. **História e Sociologia da Moda: Evoluções e Fenômenos Culturais**. São Paulo: Érica, 2014.
- NETO, Lira. **Getúlio: do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)**. Companhia das Letras: São Paulo, 2013.
- NETTO, Accioly. **O Império de papel: os bastidores de O Cruzeiro**. Ilustrado. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- PRADO, Luís; BRAGA, João. **História da moda no Brasil: das influências às autorreferências**. São Paulo: Disal, 2011.
- ROCHA, Maria Alice; BARROCAS, Luiza; MARINHO, Nathilucy. **Interlaçados: trajetórias da Cadeia Têxtil e de Confecções em Pernambuco narradas pela cultura do consumo**. Recife: FUNCULTURA/Governo do Estado de Pernambuco, 2018.
- ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. Vozes: Petrópolis, 1987.
- SANTOS, Tânia Cristina; *et al.* **A ditadura varguista no Brasil (1937-1945) e o Primer franquismo na Espanha (1939-1945): poder e contra-poder das enfermeiras**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília: BY, 2012- Bimestral.